



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

**LARA GUIMARÃES DOS REIS**

**ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO NA ARTE HOJE**

**Brasília - DF**

**2016**

**LARA GUIMARÃES DOS REIS**

**ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO NA ARTE HOJE**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas, habilitação em Bacharelado, do Departamento de Artes Visuais, Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Prof. Dra. Suzete Venturelli

Banca examinadora: Prof. Dra. Nivalda Assunção de Araújo e Prof. Dr. João Carlos Felix de Lima.

**BRASÍLIA  
2016**

**LARA GUIMARÃES DOS REIS**

**ASPECTOS DA REPRESENTAÇÃO NA ARTE HOJE**

Monografia aprovada em 22 de junho de 2016.

**Banca Examinadora**

Prof. Dra. Suzete Venturelli

Prof. Dra. Nivalda Assunção de Araújo

Prof. Dr. João Carlos Felix de Lima

## **AGRADECIMENTOS**

Porque tenho meu coração cheio de agradecimentos, registro este momento como um marco na minha caminhada. Faço da minha vida um louvor constante a Deus por tudo que me proporciona. E, aqui, além de agradecer, destaco meu carinho aos que me ampararam e incentivaram.

Aos meus pais, Ana Stael e Pedro, o amor, preocupação e incentivo, dedicados durante todo o período de graduação.

Ao meu irmão Wellington, o apoio e carinho.

Aos meus professores, que contribuíram na minha jornada acadêmica, em especial à minha orientadora, Suzete Venturelli, que foi fundamental para o desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso.

E aos meus amigos, o companheirismo e apoio.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	5
1. UMA NOVA ESTRUTURA: NOVOS RUMOS DADOS À ARTE .....	7
1.1. O FIM DA ARTE OU UM NOVO ENTENDIMENTO? .....	7
1.2. ARTE POP E ANDY WARHOL .....	10
1.3. ARTE PÓS HISTÓRICA E CONTEMPORÂNEA .....	12
2. MEMORIAL .....	15
2.1. O ENTENDIMENTO NO INUSITADO NA TRAJETÓRIA PERCORRIDA .....	15
2.2. OS TRAÇOS, AS GARATUJAS, OS DESENHOS: A EVOLUÇÃO DE UMA ARTISTA INICIANTE .....	17
2.3. O CAMINHO: A LIBERDADE NA ARTE .....	18
2.4. NARRATIVAS DE SI: TENDÊNCIAS .....	27
3. CONCLUSÃO .....	28
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	29

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso, relato a pesquisa sobre a produção artística que comecei a desenvolver durante a disciplina de Ateliê 1, do curso de Bacharelado em Artes Visuais envolvendo o conceito de representação, a linguagem da moda e o conceito de apropriação e interferência, e seus cruzamentos, no contexto das Artes Visuais. O trabalho prático envolve imagens bidimensionais que crio a partir da apropriação de pinturas clássicas de nus femininos. As interferências nas pinturas eu realizo desenhando roupas e acessórios sobre elas.

O objetivo geral desta pesquisa foi propor uma aproximação entre a arte e a moda, por meio da tecnologia digital, assim como apresentar meu trabalho como artista. Procurei no contexto teórico aprofundar estudos principalmente sobre representação, para melhor contextualizar meu trabalho no âmbito da arte contemporânea, aqui entendida como uma arte não necessariamente ligada a uma narrativa mestra ou a um movimento específico, podendo mesclar estilos, e coexistir o novo e o antigo em uma mesma obra, tendo o artista a liberdade criadora de poder ser clássico e tecnológico ao mesmo tempo. Que para Danto “é parte do que define a arte contemporânea que a arte do passado esteja disponível para qualquer uso que os artistas queiram lhe dar. O que não lhes está disponível é o espírito em que a arte foi realizada” (Danto, p. 07).

Por essas razões, a primeira seção apresenta reflexões teóricas e traz também um apanhado histórico do surgimento da arte contemporânea, tendo como referência o professor e crítico de arte Arthur C. Danto (2006), que discorre principalmente sobre o conceito do fim da arte, e o surgimento de uma arte pós-histórica, que permite, em pleno século XXI, a utilização de técnicas diversas, como as tradicionais. Em *Após o fim da arte*, o autor ressalta a independência da arte diante da história e considera um marco estético a liberdade radical e reflexiva.

No início do século XIX, a arte representava a realidade vista pelo autor. No século XX, essa necessidade foi rompida por movimentos de vanguarda que, com o tempo, se esgotaram. Já na década de 1920, essas vanguardas estavam em decadência e nada mais era novidade. Para Greenberg (2005) também ele, crítico

de arte, vivia-se, a partir da década de 1960, a decadência da arte, a morte<sup>1</sup> da arte, em virtude da incapacidade total de avaliação e da impossibilidade de identificar e valorizar o novo rumo tomado pela produção artística.

Conforme expôs Danto (2006), ao dar a conhecer seus estudos que evidenciaram não mais ser preciso ater-se aos critérios antigos, a arte havia cumprido um período de narrativas; não tinha morrido. Estava bem vivo o tema com o surgimento de uma arte pós-histórica, desvinculada dos movimentos e livre da valoração de padrões estéticos antigos. Na concepção do autor, a arte que tem preferência por não ter preferência quanto à escolha de técnicas para se expressar, acaba mostrando que sua estrutura é não impor estrutura. O primeiro capítulo é intitulado 'Uma Nova Estrutura: Novos Rumos Dados à Arte' e está subdividido para oportunizar a formulação adequada em relação às tendências que a arte contemporânea se permitiu.

Na segunda seção, sob o título 'Memorial', apresento a minha trajetória, considerando o que foi estudado no contexto teórico, e conto as experiências e a minha reflexão sobre as influências até chegar à temática que escolhi de imagens de pinturas consagradas de Vênus. Minha metodologia criativa consiste em selecionar as imagens de pinturas que contenham nus, e a partir delas criar composições que se reestruturam de acordo com as poses das mesmas, ou até criar composições e encontrar uma Vênus que se encaixe melhor a proposta. Expresso-me com a técnica da pintura digital, por meio de intervenções e apropriações. Oito trabalhos escolhidos encontram-se expostos no corpo da monografia, cuja temática remetem às imagens de Vênus que são consagradas na História da Arte Ocidental. Desde o primeiro contato com a imagem de uma das obras mais famosas de William-Adolphe Bouguereau, "O nascimento de Vênus" houve um despertar para a temática, de intervir e apropriar dessas obras, trazendo um novo olhar para elas.

Percebi que as imagens das Vênus me atraem porque vejo nelas inúmeras possibilidades de interferência composicional, e de apropriação como se fossem

---

1. Devido os meios de produção artísticas terem se exaurido nos tempos de Greenberg, e não haver mais correntes artísticas, vanguardas e estilos diferentes, ele argumentava que a morte ou o fim da arte estava próximo. Conceito este também utilizado anteriormente por Hegel antes do surgimento da arte moderna.

manequins. Como poderá ser avaliado, alguns trabalhos recorrem ironia, ao humor e também ao momento atual. Utilizo a técnica da pintura digital através de uma mesa digitalizadora e vou sobrepondo as composições em camadas nas personagens das obras selecionadas para esta pesquisa.

## **1. UMA NOVA ESTRUTURA: NOVOS RUMOS DADOS À ARTE**

### **1.1- O Fim da Arte ou Um Novo Entendimento?**

A partir dos estudos empreendidos sobre as reflexões de Arthur Danto, assinalo como importante para o meu trabalho como artista, a sua tese (CEBRAP, 2005) a respeito do fim da arte, proposta por Greenberg – crítico de arte que o antecedeu – que provocou tanto a necessidade de discutir os rumos da arte contemporânea, quanto o entendimento do que os artistas produziam, pois os questionamentos dos modelos teóricos comprometeram a concepção tradicional da arte, tais como a concepção referente ao desenvolvimento da história da arte, desde o Renascimento; e também referente à crítica renovada no século XX. Críticas que tomaram corpo a partir das exigências impostas pela produção artística moderna.

Em *Após o Fim da Arte*, Danto (2006) ressaltou que o autor reconheceu os valores incontestáveis do precursor, e expôs suas formulações em oposição àquele crítico e ao modelo teórico do qual ele é o maior representante.

Na leitura de Greenberg (2005), concordo quando ele diz que a nova arte desenvolvida a partir da década de 1960, provocava incapacidade total de avaliação, pela falta de embasamento em conjunto de critérios de avaliação pré-utilizados. O crítico considerava a total impossibilidade de identificar e valorizar o novo rumo tomado pela produção artística. Embora, do meu ponto de vista o autor dramatiza quando diz que vivia-se a decadência da Arte e tal seria o fim, ou a morte da Arte.

Após estudos sobre uma nova maneira de entender a arte, buscando distinguir o objeto artístico e o objeto cotidiano, Danto ressaltou a independência da arte quanto aos critérios de valoração estéticos antigos e destacou que, graças à ruptura na concepção, a arte contemporânea passou a ser valorizada, sem que, para tanto, precisasse ater-se aos critérios antigos. Portanto, para este crítico, a

morte da arte, carrega outro significado; o do fim de uma narrativa; o da maior aproximação com a liberdade.

Para Sússekind (2014), a tarefa de Danto foi a de enxergar positivamente o que Greenberg identificava como a decadência da arte, pois (na concepção de Greenberg) havia a constatação, na década de 1990, de que os últimos 30 anos anteriores tinham sido anos sem produção. E que havia necessidade de encontrar uma nova narrativa que desse sentido à *Pop Art*.

Para compreender a nova relação que as obras estabelecem com a história e responder aos questionamentos sobre que identidade precisa ter determinado objeto, ou ação, para se considerar como obra de arte, a resposta da teoria de Danto, segundo Sússekind, permite e provoca desafios e reflexão:

O primeiro desses desafios o levou a pensar a "transfiguração do lugar-comum", como a caracterização de uma distinção entre objetos artísticos e não artísticos, sem se basear em critérios formais ou visuais. O segundo desafio o levou a definir a arte contemporânea como sendo "pós-histórica", no sentido de não mais adequar-se a uma narrativa progressiva que determina, ou limita, a produção artística. (Sússekind, 2014)

Danto (CEBRAP, 2005) faz uma análise progressiva dos fatos artísticos que desembocaram na arte pós-histórica. Com sua análise, com o conceito de pós-historicidade da arte, podem-se rever valores. E a criatividade, a tolerância e a flexibilidade são cada vez mais contemporizadas, possibilitando assim a melhor compreensão da arte contemporânea.

Segundo Werle (2006), *Após o Fim da Arte* configura uma das elaborações teóricas mais profundas da arte atual; pois ressalta a independência da arte diante da história e a liberdade radical e reflexiva, como um marco dos últimos quarenta anos. No início do século XIX, a arte discorre a respeito da mitologia, da filosofia, da religião ou pela necessidade que os artistas tinham em representar a natureza com fidelidade. Ou seja, a arte era a realidade vista pelo autor. Posteriormente, no século XX, os artistas rompem com esta necessidade de tratar a realidade como ela é vista naturalmente. Surge, então, um novo começo. Isto é, ocorre o rompimento com os paradigmas artísticos da época, abrindo caminho para novas concepções artísticas, como as vanguardas europeias, que culminaram na Arte Moderna. Novas concepções movidas por grupos, ou movimentos intelectuais, no âmbito artístico ou no político, apresentando propostas e/ou práticas inovadoras, ou ditando tendências

do futuro. As vanguardas artísticas europeias deram origem à arte moderna; deflagraram o Expressionismo, o Cubismo, o Futurismo.

Entretanto, as ideias para a criação de novidades foram se esgotando; os novos movimentos artísticos foram diminuindo a tal ponto que se chegou a uma nova concepção; a do fim da arte. Nova, porque a primeira concepção do fim da arte foi concebida no século XIX e conseguiu um rompimento no modo de produção artístico que era baseado apenas no que era visto, naturalmente, originando a arte moderna nas suas diversas facetas. Todavia os estilos continuaram, de certa forma, vinculados a movimentos específicos, ou correntes de pensamentos estilísticos, pois existia uma narrativa mestra que ditava as normas e referenciais do que seria considerado arte boa ou arte ruim. Este movimento, como o Futurismo, por exemplo, tinha referenciais que ditavam as normas; tinha os seus artistas, que eram seus gurus, e servia de inspiração e mantinha estreitos laços com a conjuntura política (Fascismo) corrente na Itália. Ou seja, houve uma ruptura com o estilo, mas não com o seu contexto sociocultural.

Na década de 1920, as vanguardas e manifestos já estavam em decadência. Em 1960, os estilos e técnicas em vigor pareciam esgotados. Na pintura, restava apenas o saturado expressionismo abstrato, originado no contexto pós-Guerra, na década de 1940 nos Estados Unidos; nada mais era novidade. A partir do momento em que não se valoriza mais a arte e só o novo tem valor, os movimentos de vanguarda perdem suas forças.

Segundo Danto, o fim desta narrativa funciona como um complexo de práticas conhecidas que deu lugar a outro formato ainda impreciso, e assim se mantém até o momento. A arte não tinha morrido em si, mas ela tinha se completado na história, e a narrativa teria chegado ao fim:

Não era meu ponto de vista que não haveria mais arte, o que certamente significa “morte”, mas o de que, qualquer que fosse a arte que se seguisse ela seria feita sem o benefício da narrativa legitimadora, na qual fosse vista como a próxima etapa apropriada da história. O que havia chegado a um fim era a narrativa, e não o tema da narrativa (DANTO, 2006, p.5).

Com o passar do tempo, os movimentos e ideias artísticas foram se exaurindo a tal ponto que a temática da pintura passa a ser metalinguística. Isto é percebido claramente no Expressionismo Abstrato. Não que metalinguagem fosse

algo novo em si, mas fica clara a falta de opções temáticas, ou seja, a arte estava carente de temas e estilos no quesito novidade. É o que diz ainda Danto, a respeito da pintura tornar-se o seu próprio tema:

Poderíamos pensar que o tratamento expressionista abstrato da pintura como pintura – sumosa, viscosa, gotejante, gorda – era apenas o que exigia a teoria: que a pintura viesse a se tornar o próprio tema (DANTO, 2006 p.113).

As opções para valorização do novo estavam se esgotando e chegava ao fim mais uma era da arte. Momento conhecido como o fim da arte. Morria-se assim a arte entrelaçada a um movimento específico, aquela fortemente associada a um contexto sociocultural, sendo ora vanguarda alienada, ora politicamente engajada. Assim como houve uma primeira concepção de morte da arte (no século XIX), com o fim desta, já no século XX, após o declínio da arte moderna, surge uma arte pós-histórica, desvinculada dos movimentos e livre da valoração de padrões estéticos antigos. Vale ressaltar que esta foi uma libertação da arte, que até então era vinculada a uma narrativa mestra. E, a partir de uma concepção pós-histórica, a arte, para ser valorizada, não precisa mais estar associada a um movimento estilístico que ditaria os referenciais. Assim, ela se desvincularia da necessidade de estar ligada a uma corrente filosófica e/ou política.

## **1.2 Arte Pop e Andy Warhol**

Foi interessante para proposta artística apresentada, no contexto poético, avaliar que para Danto (2006), é através da arte Pop, em especial com as obras de Andy Warhol – artista, pintor, e cineasta norte-americano – que se dá o fim da arte. Isto é, finda-se uma narrativa. Pois, estando sob seus auspícios, os artistas não tinham progressos significativos a acrescentar à arte, e isso ocasionava a perda da sua importância, de uma vez.

A arte Pop que foi um movimento originado nos Estados Unidos domina a década de 1960, sendo “[...] o movimento mais crucial do século. [...] seus impulsos eram dissimulados sob respingos e escorrimentos de tinta à maneira do expressionismo abstrato” (DANTO, 2006, p. 134). Na arte Pop, segundo este autor, houve a maior diversidade de estilos e técnicas da época. E representou um retorno à arte figurativa, contrapondo-se ao expressionismo abstrato, que até então dominava a legitimidade da cena artística, na época.

Os artistas Pop têm como referencial a exploração intensa e criativa das imagens comerciais populares, próprias da sociedade de consumo, esse viés se aproxima do que estou trabalhando poeticamente, pois as principais fontes de inspiração são: a fotografia, a publicidade, os artistas famosos e os políticos.

Por cultivar as imagens televisivas, a fotografia, as histórias em quadrinhos, e a produção publicitária, a arte Pop surgiu como cultura de massa. Neste tipo de arte, os artistas ironizam e criticam o excesso de consumo em que a sociedade se encontrava imersa, imitando e apropriando-se de artefatos rotineiros populares. Utilizam materiais como tinta acrílica, poliéster, látex e cores fortes para reproduzir a estética dos produtos massificados, a fim de criar uma obra de arte. Danto (2006, p. 142) afirma: “A Pop Art como tal consiste naquilo que denomino transfigurar emblemas da cultura popular em arte”.

Enquanto os artistas que regem este período censuram o consumismo, eles, igualmente, apropriam-se e utilizam os próprios produtos que fazem parte deste consumo, a fim de ironizar o ato consumista e o materialismo da vida cotidiana da sociedade. Fazendo desde uma crítica ao culto exagerado da massa, como as figuras públicas, até as marcas famosas. Exemplo disso são as obras de arte *Brillo Box* e *Campbell's Soup Cans* criadas, a partir de artefatos populares por Warhol. *Campbell's Soup Cans* conhecida também como *32 Latas de Sopas Campbell* foi produzida por Warhol no ano de 1962. Consiste em 32 quadros, com dimensões de 50,8 X 40,6, cada um, com a pintura de cada uma das variedades de sopa enlatada que a marca Campbell fabricava na época. Estes quadros foram feitos a partir de um processo que utiliza a técnica da serigrafia. Já *Brillo Box* são esculturas, réplicas fiéis de uma caixa de sabão popular da época, nos Estados Unidos. Feitas a partir de tintas serigráficas sobre caixa de madeira compensada. Com tamanho de 50,8 X 50,8 X 43,2 centímetros cada.

Nesse contexto, Warhol inova na forma de fazer pintura, utilizando a serigrafia, colagem e o uso de materiais descartáveis. Apropria-se da publicidade em suas obras, através de imagens reproduzidas em sequência, em cartazes e fotografias, utilizando tinta acrílica com tonalidades fortes. A serigrafia sendo utilizada como técnica de reprodução, Warhol copiava imagens como fotografias e



transferia-as diretamente para a tela. A partir daí, houve uma aproximação da fotografia com a pintura.

Da mesma forma, em que os artistas Pop fizeram apropriação de produções que estavam em voga na sociedade consumista da década de 1960 para fazer críticas, assim também faço apropriação de obras de outrem, porém fazendo interferências em obras clássicas, utilizando a ironia para instigar o observador à reflexão sobre alguns elementos presentes na sociedade moderna, tais como consumismo, a massificação nas redes sociais e o rótulo de mulher ideal sendo uma “bela, recatada e do lar”.

### **1.3 Arte Pós-Histórica e Contemporânea**

Para Danto, ficou claro que não existia mais uma forma especial, ou propriamente dita, para a aparência das obras de arte, após a arte pós-histórica. O seu exemplo favorito, quando se refere ao tema, remete às *Brillo Box*, de Warhol, que haviam sido levadas até o museu, com o intuito de questionar e ironizar. Mostrando que uma simples caixa de sabão popular poderia virar arte e instigar o grande público a visitar o museu.

Da mesma forma, exemplifica a morte da pintura através da repetição contínua das monótonas e agressivas listras pintadas pelo artista francês Daniel Buren. Em 1967, incorpora a ideia da bidimensionalidade em suas obras. E, ao buscar compreender, criticamente, os critérios privilegiados quanto à concepção de um objeto artístico, desenvolve a forma final de sua crítica à pintura. Trata-se de um tipo de construção de uma relação visual que, depois da ideia ser concebida, esta pode ser posta em prática em vários tipos de superfícies. Sendo que o suporte variável pode até ser pintado tanto de um lado quanto do outro, utilizando listras verticais que ficam se alternando entre o branco (que já faz parte do tecido a ser pintado) e a outra cor. Assim, reduz-se ao máximo o grau de expressão do artista. Neste contexto a obra não possui valor em si. Valoriza-se somente se estiver relacionada com o espaço/lugar. Aí, então, ela poderá ser compreendida em todas as suas implicações. A causa da morte da pintura seria “[...] a sua própria auto-realização histórica” (DANTO, 2006, p.152).

Danto (2006) encontrou em *Brillo Box* uma nova maneira de interpretar a arte conceitualmente, ao concordar com Warhol, que mostra que nada precisa marcar externamente a diferença entre a obra e as caixas de *Brillo*, nas prateleiras do supermercado. Além de não ser mais condizente ensinar, ou citar, o conceito de arte por meio de exemplos, já que para ele a arte conceitual advinda da arte pop e de Andy Warhol revelou que a obra não tinha mais a necessidade de seguir padrões, estilos, técnicas tradicionais, nem mesmo de ser um objeto visual palpável, para ser considerada uma obra de arte visual. Isso fez com que se definisse o fim da modernidade e a passagem para a contemporaneidade, livre de estilos. Conseqüentemente, ao afirmar que os artistas estariam, desde então, libertos do peso da história e livres para fazer arte da forma que quisessem, definiu a passagem da história da arte para a pós-história da arte:

E os artistas, liberados do peso da história, ficavam livres para fazer arte da maneira que desejassem, para quaisquer finalidades que desejassem, ou mesmo sem nenhuma finalidade. Essa é a marca da arte contemporânea, e não é para menos que, em contraste com o modernismo, não existe essa coisa de estilo contemporâneo (DANTO, 2006, p. 18).

Podemos afirmar que a obra de arte é contemporânea de acordo com o momento em que ela é produzida, e não pelo seu estilo: “Dizer que a história acabou é dizer que não há mais um limite da história além do qual as obras de arte possam cair. Tudo é possível” (DANTO, 2006, p. 126). Da mesma forma, dizer que está se fazendo arte pós-moderna é tratar da produção pós-histórica como uma possibilidade de lançar mão de técnicas e estilos predominantes da modernidade na composição artística.. Para fazer esta arte pós-moderna não existe mais qualquer regra, ou limite estilístico, pois tudo é permitido e acessível. Enquanto a arte pós-histórica cresce, a partir da finalização da necessidade de rótulos e estilos sólidos, a arte moderna realizada por volta dos anos 1980 é caracterizada pelos tantos estilos, precisa de referências e é regida por vários manifestos dos movimentos da vanguarda modernista, necessitando deles para se afirmar. Por isso a arte moderna é enterrada com o surgimento da arte pop:

Não há mais uma direção única. Na verdade, não há mais direção. E foi isso o que pretendi dizer com ‘o fim da arte’, quando comecei a escrever sobre esse fim, em meados da década de 1980. Não que a arte morreu, ou que os pintores deixaram de pintar, mas sim que a história da arte estruturada, narrativamente, chegara ao fim (DANTO, 2006, p. 139).

É interessante ressaltar a característica importante da contemporaneidade que se tornou conhecida, a partir de 1970; dada pelo fim desta narrativa, de seus sentimentos, e essa sensação de não mais pertencer aos movimentos estilizados modernistas. Como característica básica destes novos tempos, ressalta o conceito de Arte pós-moderna e Arte pós-histórica.

Portanto, desde 1960, pode-se pensar em arte filosoficamente a partir do pressuposto de que qualquer coisa pode se tornar uma obra artística. Isto está de acordo com o fim da “[...] história da arte estruturada narrativamente [...]” (DANTO, 2006, p.139), os artistas passam a produzir sem a necessidade de ter comprometimento com a história. A arte contemporânea “[...] nada tem contra a arte do passado, nenhum sentimento que o passado seja algo de que é preciso se libertar” (DANTO, 2006, p. 7).

Pode-se afirmar, então, que, tomando-se por base a concepção dantiana, na arte contemporânea, utiliza-se a arte do passado para qualquer fim que o artista queira dar; seja apropriando-se da arte pop, da arte clássica, ou de outra qualquer. Partindo do pressuposto de que os artistas atuais têm livre acesso ao museu, eles podem montar as próprias exposições, a partir de seus próprios recursos.

Estes artistas veem os museus como espaços de alternativas artísticas vigorosas. Não mais como espaços abarrotados de arte morta. O museu funciona, pois, de alguma forma, como causa, consequência e concretização dos atos e práticas definidos pelo estágio pós-histórico. E não falta interesse nas pessoas pela arte, nem em frequentar museus. O que acontece é que, muitas vezes, o que é exposto no museu é o que não desperta o interesse das pessoas. Portanto, quando toma para si a tarefa de refletir sobre os rumos dados à arte, pelo movimento Pop, o autor persegue a superação da necessidade de uma estrutura. Uma estrutura que, para ele, é imposição da “era da ideologia”.

E, graças à libertação da necessidade da arte atrelada a uma ideologia, a arte pós-histórica conseguiu trazer liberdade ao artista. Por isso, pode-se atualmente fazer uma arte livre da obrigatoriedade de seguir padrões estéticos ou estilos pré-definidos, podendo o artista expressar-se, utilizando técnicas das mais primitivas ao clássico - ou até mesmo o que tiver de mais moderno; inclusive com a possibilidade de mesclá-las.

O autor elevou a sua voz para caracterizar - e conseguiu - um novo período. Um período que decreta o fim de um formato específico, de um molde onde só serão tidas como obras de arte aquelas que se encaixarem nesse molde. Aí, sim, se isso fosse regra geral, a arte estaria confinada à morte!

## **2. MEMORIAL**

### **2.1 O Entendimento do Inusitado na Trajetória Percorrida**

Neste capítulo, será apresentada a trajetória percorrida, até alcançar este estágio em que me debruço sobre esta pesquisa poética, lembrando as experiências vividas nesse percurso. Relato também as principais influências para o desenvolvimento da temática. Busquei, além dos conceitos teóricos discutidos na primeira parte deste trabalho, uma proposta de interferência e apropriação nas imagens escolhidas para esta pesquisa artística, evidenciando certa ironia na particularidade de cada uma delas.

Em meados de 2011 me deparei com uma imagem da pintura: “O Nascimento de Vênus”, de William-Adolphe Bouguereau, nesta época estava recém matriculada na disciplina de Ateliê 1, com algumas ideias para desenvolver o projeto que era exigido na disciplina, coincidentemente ou não, sempre desenhei roupas para amigas, familiares e para mim mesma, além de criar composições, já trabalhava como modelo, ou seja, estava continuamente ligada à moda. A imagem me chamou muito atenção, pois além de ser apreciadora deste tipo de pintura, a Vênus nua fazendo uma pose tão próxima das poses que nós modelos fazemos em editoriais, me trouxe a ideia de desenvolver um projeto relacionando representação, corpo e arte, através das interferências nas imagens das pinturas nas quais as vênus são o tema principal do artista, como pode ser observado na figura 1, uma mulher é destacada no centro da pintura, em pose erótica, como se estivesse se espreguiçando, sem qualquer pudor ela simplesmente posa enquanto é contemplada por seres mortais, míticos e celestiais.



**Figura 1 - William Bouguereau: O Nascimento de Vênus, 1879. Óleo sobre tela, 3m x 2,15m**

Parto do princípio de que existe muito em comum entre a moda e a arte, e que elas podem se relacionar em vários aspectos, pois ambas sofreram constantes transformações no passado, e serviram muitas vezes como formas de reivindicações.

A partir do pressuposto de que a moda funciona como uma forma passageira de viver, vestir e até mesmo de gostos, e que, o design visa a criação, no caso da moda o design é fundamental e está ligado diretamente ao corpo, de acordo com Saltrzman “o design é a forma que surge entre o corpo e o contexto, já que a roupa é um elemento relativo, cuja proposta surge de uma relação: porque veste, cobre, descobre e modifica o corpo em função de um contexto específico” (SALTRZMAN, 2008, p.305). Desta forma, me aproprio dos corpos existentes nas pinturas para expor o design da moda hoje, considerando que o design está ligado diretamente à

moda, e a moda diretamente ao corpo, e como acima afirma Saltrzman (2008) a roupa pode surgir de uma relação, onde veste, cobre, e modifica o corpo num determinado contexto.

Desde os dez anos, pinto óleo sobre tela, que considero uma prática acessível e bela, que me manteve por um certo tempo, na minha zona de conforto. A pintura digital trouxe novas possibilidades de experimentação, principalmente em função da ideia de trabalhar com as referências das pinturas clássicas para interferir no seu aspecto conceitual poético. Essa experimentação provocou muito prazer na possibilidade de estender o pictórico para o campo do digital. Sobre o prazer, foi Epicuro (Epicuro, apud Comte-Sponville, 1997) quem discorreu sobre ele ser o princípio de toda escolha ou rejeição. Concordo como autor, quando avalio minha produção artística, pois “se ‘o prazer é o objetivo da vida’, também é o da arte” (Comte-Sponville, 1997, p. 252).

## **2.2 Os Traços, as Garatujas, os Desenhos: A Evolução de Uma Artista Iniciante.**

Um dos conceitos que Piaget utiliza para explicar sua teoria é a assimilação, conceito que ele toma emprestado da biologia. Ele explica que a fisiologia permite assimilar o alimento, retirando partes dele e transformando-o em energia. E, nos processos cognitivos, o contato da pessoa com o conhecimento faz com que ela retire informações sobre o objeto focado, retendo-as, porque existe uma organização mental que foi construída em cima de estruturas já existentes. Portanto:

[...] na assimilação cognitiva o objeto não é alterado por ser assimilado pelas estruturas mentais, nem é convertido em substância própria do organismo, mas apenas integrado no campo de aplicação dessas estruturas (PIAGET, 1996, p. 47).

O desenho fez parte de minha vida desde os quatro anos de idade. Minha curiosidade e atenção se voltavam para objetos atrativos e eu tentava, sempre, desenhá-los. Sempre gostei de trabalhar com luz e sombras nos desenhos. Com o passar do tempo, já no final da minha adolescência, minha observação permitiu-me desenvolver traços mais apurados que revelavam desenhos mais naturalistas, mais realistas. Aos poucos fui descobrindo o gosto pela anatomia humana, e pelos objetos, roupas, calçados, adereços..

Mesmo antes de iniciar o curso de artes plásticas, na Universidade de Brasília, já me interessava tanto em temas relacionados à pintura quanto à moda. Ao iniciar o curso de Artes Plásticas fui percebendo a amplitude que o mesmo me daria, tanto de possibilidades de produção quanto de diversidade de técnicas e materiais que eu poderia passar a utilizar. Foi somente ao final do curso que percebi que todas as minhas produções tinham a ver com pintura, ironia e anatomia humana.

### **2.3 O Caminho: A Liberdade na Arte**

As obras escolhidas como referência são: “*O Nascimento de Vênus*” e “*O Ninho*” de William-Adolphe Bouguereau”, “*Vênus ao espelho*” de Peter Paul Rubens, “*O Nascimento de Vênus*” de Eugene Emmanuel Amaury-Duval, “*Bathsheba*” de Willem Drost, “*Venus*” de Lucas Cranach, “*Venus Anadyomene*” de Theodore Chasseriau e “*Venus Anadyomene*” de Jean Auguste Dominique Ingres, a partir delas fui desenvolvendo o trabalho de pintar as roupas e os acessórios, utilizando camadas finas sobrepostas, luz, sombras e estampas, tendo a liberdade de poder criar e pintar o que me diverte, fazendo coro com as palavras de Richter:

E então a liberdade de poder pintar o que diverte. [...] esquecer tudo que o que normalmente se compreende como pintura, cor, composição, espacialidade, tudo o que o homem aprendeu e pensou sobre isso. Subitamente nada disso era mais pressuposto para arte (RICHTER, 1964, p. 115).

E é assim o meu olhar sobre as imagens que produzo: vejo nelas o artifício da sensibilidade da minha leitura, a partir de criatividade e de uma apropriação.





Figura 2 - #LookDoDia





Figura 3 - Toda Trabalhada na renda. #Ostentação





Figura 4 - Bela, Recatada e Do Lar...



Figura 5 - #NoFilter



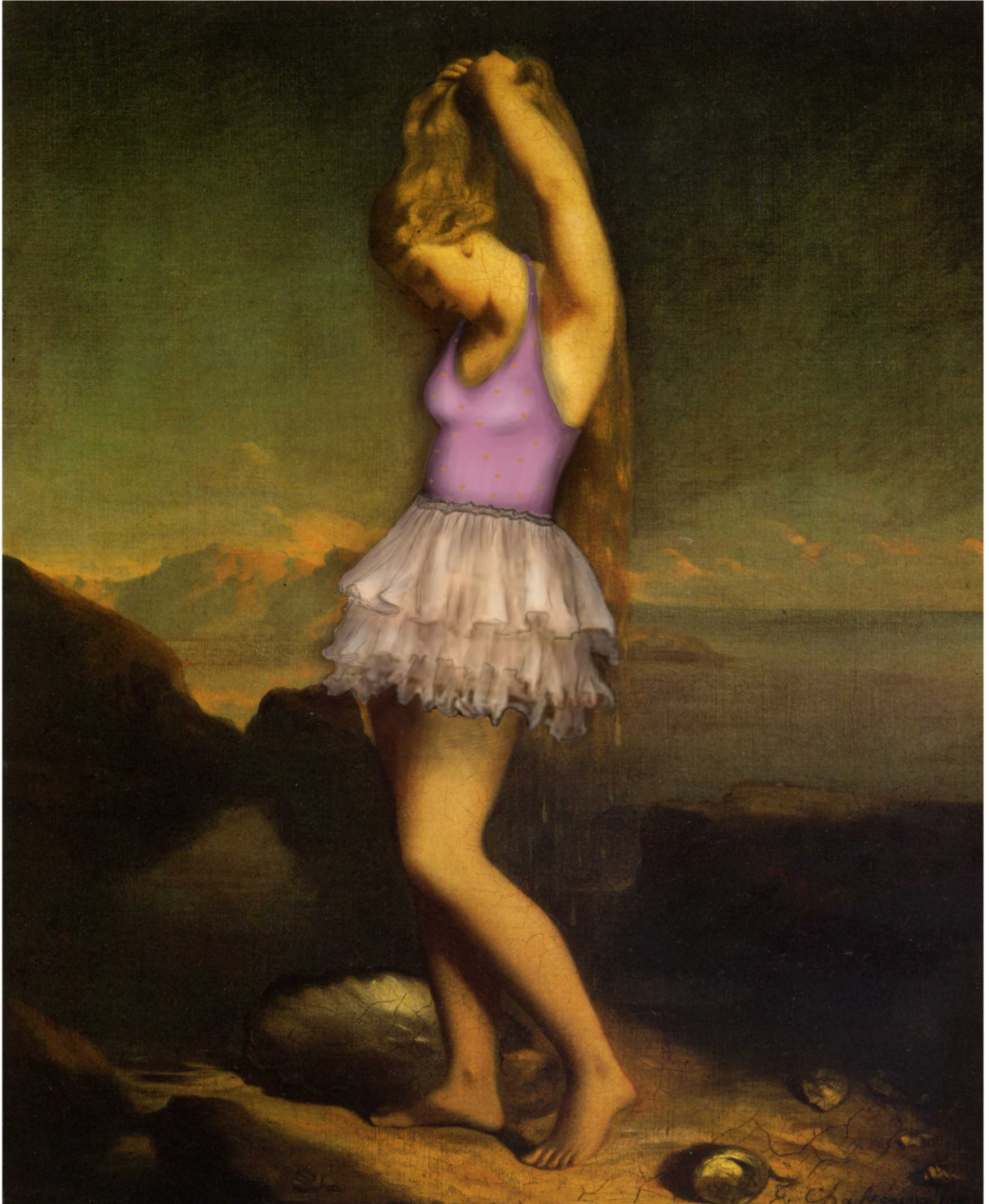


Figura 6 - Tranquilidade no olhar de uma Batsheba.



Figura 7 – Se liga no Shape.





**Figura 8 - Mais um dia dos namorados sozinha. Se sentindo desanimada.**



Figura 9 - Toda Plissada. #Filó

## 2.4 Narrativas de Si: Tendências.

Um dos principais objetivos de desenvolver este trabalho por meio da pintura digital apropriando da figura humana, se dá pelo interesse em intervir na imagem que representa o corpo e traços humanos, fazendo-os funcionar como uma base para minha pintura digital. Além disso, propor um entrecruzamento do campo da moda e das artes visuais, vinculando arte, através de tecnologia, intervenção e moda, utilizando um conceito até então não percebido entre as diversas ramificações artísticas, isto é, algo novo. Mostrar obras de grandes artistas reconhecidos pelo meio acadêmico, mas não necessariamente conhecidos pela comunidade fora deste meio, ou seja, a grande massa, inclusive mostrar também traços de minha arte.

São muitos os artistas plásticos que optam por pintar a figura humana, como pode constatar qualquer pessoa ligada às Artes. Segundo Jacqueline Lichtenstein (2004), o propósito de Henri Matisse quando publica suas “Notas de um pintor”, era defender-se das críticas que o atormentavam, e que condenavam suas extravagâncias, seu desprezo à verdade da observação e a liberdade com que tratava modelos e objetos. Nesta pesquisa enfatizo a importância da liberdade que o artista tem hoje para produzir, para mostrar sua arte. É evidência de evolução nas artes plásticas o artista poder e conseguir expressar-se por meio de sua obra, seja através da apropriação da arte conceitual, da arte moderna, da arte clássica, ou outra, sem precisar defender-se por fazê-lo da maneira que escolheu fazer:

É realmente absurdo fazer uma imagem, por exemplo, uma imagem humana, com tinta, hoje, já que temos esse problema de fazê-la ou não. Mas, de uma hora para outra, era ainda mais absurdo não fazê-lo. Então, temo que tenha de seguir os meus desejos. [...] Coloquei a figura no meio da tela porque não havia razão para colocá-la um pouco mais para o lado (De Kooning, 2004, p.128).

Esse leque de possibilidades permite que o artista siga seus desejos. Tanto na pintura tradicional quanto na pintura digital, por exemplo, o artista explora diversificados pincéis, tintas, cores, luzes, formas, enquadramentos, ou explora também a falta destes.

A liberdade que o artista tem hoje para produzir, para mostrar sua arte, evidencia uma grande evolução nas artes plásticas. Há um leque de possibilidades



que permitem que o artista siga seus desejos. Assim como De Kooning, acredito que o artista deve seguir seus desejos. Produzir o que o faz vibrar, sem limitações, pois neste contexto a arte soa com muito mais leveza e pureza.

### **3. CONCLUSÃO**

Enquanto escrevia este trabalho, à medida que refletia sobre a minha preferência na formulação do tema, na tessitura das sombras e no resultado dos tons das cores utilizadas na minha pintura digital, que se invade uma outra arte apropriando-se, mais indagações surgiam e creio que a busca pelo conhecimento deve ser uma escalada constante em nossas vidas, e a instigação que dúvida gera em nós pode ser um combustível para prosseguir adiante.

Procurei aprofundar estudos inicialmente sobre o conceito de representação, através da história da arte, por meio do pensamento de Arthur Danto, principalmente, em função dos trabalhos relacionados em que o conceito é revisto no entrelaçamento entre a moda e a arte contemporânea.

Graças ao surgimento da arte contemporânea, em um contexto em que a arte conseguiu se desvincular de um movimento estilístico específico, o conceito de arte tornou-se mais amplo, possibilitando uma maior liberdade de criação ao artista. Nesse sentido, relacionar “moda” a arte tornou-se amplamente interessante para muitos artistas. Outro aspecto do meu trabalho, foi a liberdade no processo de produção, pois não foi necessário inventar algo novo e nem seguir uma tendência, podendo desta forma apresentar minha própria criatividade em minhas obras.

Afinal, quanto mais intensa e profunda é a busca, mais o universo se abre, deixando evidentes novas possibilidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMTE-SPONVILLE, André. O Labirinto: Desespero e Beatitude. In: **Tratado do Desespero e da Beatitude**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CEBRAP- **Novos estudos A filosofia da arte: entrevista com Arthur C. Danto**. Novos estudos- CEBRAP, São Paulo , n. 73, Nov. 2005. disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002005000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000300009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 08 Jun. 2016.

DANTO, Arthur C. **Após o Fim da Arte: A arte contemporânea e os limites da história**. São Paulo: Edusp, 2006.

FERREIRA, Glória; COTRIM, **Cecília**. **Escritos de artistas: anos 60/70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GOWING, Lawrence. **História da arte: Do Simbolismo ao Surrealismo**. Barcelona: Folio, 2008.

LICHTENSTEIN, Jaqueline. **A Pintura – Vol. 6: A figura humana**. São Paulo: Ed. 34, 2004.

PIAGET, J. **Biologia e Conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SALTZMAN, Andréa. **O Design Vivo**. In: PIRES, Dorotéia Badu (Org.); et al. Design de moda: olhares diversos. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2008.

SÜSSEKIND, Pedro. **Greenberg, Danto e O Fim da Arte**. Kriterion vol.55 no.129. Belo Horizonte: Jan./Jun. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2014000100019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000100019&lng=en&nrm=iso)>. Último acesso em 10 Junho 2016